O CCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

XXVII Volume — 30 de Setembro de 1904 — N.º 927

DR. CUNHA BELEM

No dia 19 do corrente, a illustrada classe dos medicos militares, prestou significativa homenagem ao seu chefe, o Dr. Cunha Belem, offerecendo um banquete em sua honra, no Hotel Braganza.

Justo foi o tributo pago por seus collegas ao venerando medico, que apezar dos annos e dos trabalhos conserva a lucidez e actividade de espirito de um moço, actividade affirmada não só na sciencia que professa, mas em todas as manifestações da intelligencia, mercê dos seus dotes naturaes e vasto saber.

Cirurgião em chefe do exercito e chefe da repartição de saude do ministerio da guerra, chegou aos cargos mais elevados da sua classe.

Conquistou-os com muito trabalho nas commissões importantes que tem desempenhado no paiz e no extrangeiro, onde por muitas vezes tem honrado Portugal em congressos scientificos.

Os serviços de saude do exercito muito lhe devem pelos melhoramentos que n'elles tem introduzido em harmonia com o que de mais moderno lá fóra se tem posto em pratica e até com innovações de sua iniciativa.

E' vasta a sua bagagem litteraria, tanto de obras scientificas como propriamente litterarias, [1] sendo com justiça socio da Academia Real das Sciencias.

Politico da velha guarda regeneradora, collaborou com Antonio Rodrigues Sampaio na *Revolução de Setembro*, e quando este liberal convicto morreu, Cunha Belem manteve por muitos annos aquelle jornal como seu primeiro redactor. Na camara dos deputados affirmou os dotes de consumado parlamentar, occupando a cadeira de deputado nas legislaturas de 1875 a 1886.

A instituição do Tiro Nacional, de que é presidente, deve-lhe a mais dedicada cooperação de patriota sincero e desvelado pelos progressos do seu paiz.

Mas sobrelevando a tantos merecimentos está o seu caracter de ouro, que se impõe a todos os respeitos e considerações.

Eis porque os membros da classe medica militar lhe prestaram essa publica homenagem com que todos se honraram.

Chronica Occidental

Com as solemnidades do estylo, fardalhões, alas de soldados e tiros de artelharia no Aterro, abriram hontem as côrtes portuguezas.

Muitos deputados novos fizeram sua estreia nas bancadas, ouvindo o discurso da Corôa.

Estes primeiros dias ainda são de paz e socego. O temporal, se o houver como o prediz o barometro da imprensa progressista, só começará soprando para meados ou fins do mez de outubro.

Succedem-se os conselhos de ministros e aquelles que a politica mais interessa começam a sahir

1 Vide OCCIDENTE, vol. 20.º, pag. 186.

do marasmo a que o pino do verão os aconselhava para em brando somno refazer o espirito.

Um dos maiores interesses é o conhecer o contracto de 16 de julho com a Companhia dos Tabacos. A assembléa geral d'esta Companhia. convocada para o dia 20 não se realisou por falta de numero. Foi marcada nova assembléa para o proximo dia 8 de outubro.

Ouvem-se já rumores de ameaças. Os jornaes progressistas, como dissemos, lançam vigorosamente o grito de guerra. Parece que não é sómente na Italia que ha Vesuvios em actividade com fortissimas explosões, incendios de florestas e seu tremor de terra á mistura.

Ainda que com muito menos mortes, iremos assistir a um combate que talvez lembre alguns dos mais encarniçados entre russos e japonezes. Com menos mortes, dissemos, e talves com mais alguns accordos.

Em Porto-Arthur, entre os belligerantes, é que, pelo visto, não póde haver nenhum. Depois d'um dos ultimos assaltos, havendo os japonezes tomado todos os fortes exteriores e tres fortalezas interiores, intimaram o general Stoessel a que se rendesse. Respondeu elle á proposta de capitulação, embora sua mulher houvesse sido attingida por uma bala quando tratava uns feridos, mandando espingardear os emissarios.

Por muito horriveis e dignos de admiração que taes factos nos pareçam, ha n'elles o que quer que seja de tão barbaro, que é sempre agradavel esquecel-os e espairecer o espirito por tanta coisa que, felizmente alegre por este mundo se nos depara.

Cá pelo nosso Portugal, apesar de nem sempre ajudadas pelo tempo, o mais que lemos nos jornaes são festas e romarias por todos esses arredores de Lisboa e pela provincia, nos cantinhos mais reconditos, procissões, musicas, foguetes, arraiaes, bazares.

Sobretudo a nossa saloiada pela-se por essas festas ao ar livre e pelos fogos de vistas, rodas com repuchos de fogo e foguetes de lagrimas, que ouvem ao reluzir os *ahs!* de espanto de muitas mil boccas escancaradas.

Ainda não acabaram de todo as corridas de toiros, apezar de já serem frias as tardes.

No passado domingo ainda houve toirada em Algés em beneficio de Luciano Moreira, trabalhando como cavalleiros Simões Serra e o Morgado de Covas e bandarilhando a Reverte; nas Caldas, toirada promovida pela nova philarmonica; em Cascaes, promovida pelo cavalleiro Fernando de Oeiras.

Tiveram as praças pequenas concorrencias, pouco mais de meia casa a melhor, que as tardes já vão estando pouco proprias para essas diversões.

O verão diz-nos adeus, e, segundo informações de certos pontos do paiz, fal-o com a maior generosidade, pois que as ultimas chuvas augmentaram muitissimo a colheita do vinho. Nem tudo são rosas, porém, visto que o vinho velho ainda existente nas adegas, cujos proprietarios precisam de todo o vasilhame, tem sido ultimamente vendido por baixissimo preço. Os taberneiros é que não querem saber d'isso e pelo mesmo preço alto continuam vendendo o vinho a retalho. São problemas de economia que cada qual resolve conforme as opiniões egoistas da propria algibeira.

Com boas vindimas portanto e com variadissimas festas vai-se o verão despedindo.

Alcochete, a velhissima terra que tão amada foi nos nossos antigos reis, não quiz ficar atraz d'outras menos notaveis villas do nosso Portugal, e teve tambem seu dia de regosijo, quando da solemnidade da collocação da primeira pedra no monumento á memoria de El-Rei D. Manuel, o Afortunado, que em Alcochete nasceu — quem cuidaria então que elle havia de ser rei de Portugal? — em 31 de maio de 1469.

Na allocução de Presidente da Camara leio que elle o tratou por *magestade* «sua magestade El-Rei o Senbor D. Manuel.» Afortunado ainda o vemos até depois de morto. O primeiro rei na peninsula que usou do tratamento foi D. Filippe II, e o deu ao sobrinho, rei de Portugal D. Sebastião, não fosse elle tratal-o por *alteza*.

Na festa de Alcochete foi o sr. general Pimentel Pinto, ministro da guerra, quem representou o sr. D. Carlos.

Em Cascaes é que ja tem sido as festas mais faladas A regata, que na linda bahia se realisou no domingo, levou á villa a maior animação.

Foram muitas as corridas effectuadas: canôas de picada, canôas de pesca, yachts á vela, mixtas de vela e remos, guigas de quatro e seis remos, baleeiras timonadas por senhoras, etc. Houve tambem corridas de patos e desafios de natação.

Eram jury das corridas de vélas, El-Rei, como presidente, e os srs. D. Fernando de Serpa, Antonio Pinto Basto, João Caldeira, D. Manuel de Menezes e conde de Arnoso, João, e das corridas de remos os srs. Fernando de Magalhães, Virgilio Costa e Augusto Ferreira Pinto.

A distribuição dos premios realisou se no Sporting-Club, onde os vencedores foram muito victoriados.

Os premios constavam de varios objectos d'arte.

Houve depois baile animadissimo que durou até ás duas horas da madrugada.

Animou-se Cascaes n'estes ultimos dias com a chegada de Suas Magestades, que para ali partiram no dia 26. No alto de S. Pedro de Cintra foram apresentar suas despedidas á Rainha, sr.ª D. Amelia, a camara municipal, auctoridades judiciaes e administrativas e grande numero de familias. Em Cascaes foi recebida com grandes ovações, musicas e foguetes, como é costume. O sr. Costa Pinto entregou lhe uma linda poesia de Lopes de Mendonça e a Rainha, vendo a assignatura, disse:

— São de Lopes de Mondonça, devem ser bons.

Mais um dia de festa foi o de 28, anniversario de Suas Magestades. E' dos mais bellos espectaculos o da illuminação da bahia.

Mas não só no continente as festas são por todos os lados. Tambem dos Açores nos chegam noticias do que por lá foi quando do recebimento que a camara de Ponte Delgada fez ao Principe de Monaco, cujos estudos maritimos de grande utilidade, na maior parte foram feitos nos mares açorianos. A uma nova avenida na capital de S. Miguel foi posto o nome do Principe, o que elle agradeceu com as palavras seguintes:

«Por este acto cheio de delicadeza, os habitantes de S. Miguel querem reconhecer a amisade que eu lhes dedico ha um quarto de seculo. E' um pensamento que me impressiona profundamente e que deixará no meu coração um novo sentimento a seu respeito. Tenho orgulho em ver o meu nome collocado nos muros da cidade d'uma ilha que produz tão repetidas vezes homens notaveis, e esta lembrança, nascida no meio do Oceano que mais me approxima da familia açoreana, será uma das mais queridas na minha vida de navegador.»

Lisboa é que por emquanto arrasta uma vida pouca mo vimentada. Só a abertura dos theatros lhe deu uma certa animação, sobretudo a revista de Machado Corrêa e Accacio Antunes no theatro do Principe Real, que tem tido enchentes consecutivas.

Grande numero de actores ainda continua pela provincia, d'onde ha dias nos vieram noticias assustadoras a respeito da actriz Amelia Vieira, em perigo de vida, segundo se dizia em resultado d'uma grande queda que dera. Felizmente, as noticias eram muito exageradas, e, comquanto os ferimentos e contusões fossem de certa gravidade a distincta actriz parece estar em via de prompto restabelecimento.

Ainda bem que não temos d'esta vez que falar de coisas menos alegres. O tempo melhorou, as noites estão esplendidas, céo, mar e terra só falam de ser abençoados. E' raro poder-se escrever uma chronica inteira sem que, por dever de officio, não tenha a gente que referir-se a mortes, desgraças, agonias e desesperos. D'esta vez, graças a Deus, só falámos de romarias, toiradas, regatas, bailes.. Nem me deu vontade de me referir á morte d'aquellas duas velhas avarentas, caso que lembra o celebre romance russo *Crime e Castigo*. Deixemos em paz as velhas mais dando para falar na morte do que nos oitenta annos ou coisa que o valha, que durou a vida a cada uma.

Já é azar.

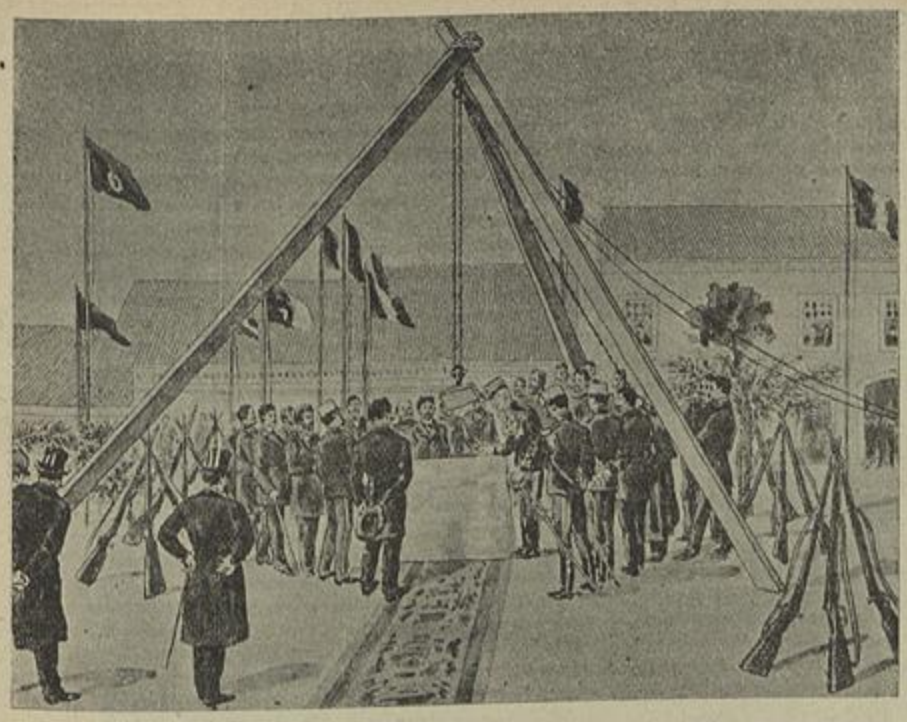
João da Camara.

Monumento a El-Rei D. Manuel em Alcochete

Na nobre e antiga villa de Alcochete, côrte de reis e berço de el-rei D. Manuel, realisou-se no dia 19 do corrente a ceremonia de lançar a primeira pedra de um monumento que ali se vae erguer áquelle monarcha.

Tomou a iniciativa d'esta homenagem prestada á memoria do *Rei Afortunado*, que ali nasceu no dia 31 de maio de 1469, uma commissão composta dos srs. Eduardo Avelino Ramos da Costa, presidente, dr. Francisco Mendes da Luz Cham-

A ACTRIZ AMELIA VIEIRA NA «TOSCA»



LANÇAMENTO DA PRIMEIRA PEDRA DO MONUMENTO A EL-REI D. MANUEL, EM ALCOCHETE

bel, vice-presidente, Antonio Carlos da Cruz, Joaquim Maria da Silva Barreto e João Rodrigues Sebolla, vogaes, Manoel Joaquim Costa, thesoureiro, João Baptista de Almeida, vice-thesoureiro e José Francisco Evangelista, secretario.

A camara municipal de Alcochete e mais auctoridades civis, militares e ecclesiasticas, receberam o sr. general Pimentel Pinto, ministro da guerra, que ali foi, em nome de S. M. El-rei D. Carlos, collocar a primeira pedra do monumento, de que se lavrou o competente auto.

O monumento é construido no largo dos Soydos, para o que estava ali armada uma barraca de campanha com peças de artilharia aos lados e fechando o recinto armas antigas ensarilhadas.

A Expedição militar contra a escravatura em Nabure

Tendo-nos sido obsequiosamente enviados os interessantes pormenoras das operações militares contra os mojojos, e contra o regulo Nampuita-Muno em que tão brilhantemente se distinguiram as nossas forças que fizeram parte da divisão naval do Indico em 1902, damos-lhes gostosamente publicidade, quanto mais que os nossos leitores hão de estimar conhecer essas informações cuja orijem não pode ser nem mais genuina, nem digna de maior credito.

Nas operações contra os mojojos entraram as guarnições da *S. Raphael* e da *Chaimite*, praças do corpo expediciona io, batalhão disciplinar e auxiliares landins sob o commando do sr. João Bello, 2.º tenente da armada.

Foi pois, este distincto official o encarregado pelo commandante da divisão naval de castigar os majojos, negreiros andazes, que faziam a escravatura nas visinbanças do rio Nabure, zombando da lei e das actoridades que ahi a representavam.

O desembarque fez-se no dia 20 de fevereiro, pelas 10 horas da manhã, seguindo a columna para a ilha Lipoto na foz do rio Nabure em escaleres a remos e um pangaio rebocado por uma lancha a vapor.

A expedição entrou no rio Nabure com o fim de se dirigir a umas dunas de areia, ponto estrategico de grande valor para as operações que se queriam levar a effeito, porem sendo o caminho para ellas por entre mangal cerrado e alagadiço, foi resolvido embarcar e bivacar na ilha Lipoto, visto tambem ser a hora já adeantada para se fazer qualquer reconhecimento.

Esse reconhecimento levou-se a effeito no dia 21 desde a foz do rio até á entrada das dunas.

Pela tarde tiveram as forças de empenhar um combate serio, não tanto pelo effectivo do inimigo, como pelas fortificações passageiras que estavam construidas em Coasune, desde a ultima estada da canhoneira *Chaimite* no fundeadouro da costa, proximo da foz do rio Nabure.

Na lancha a vapor ia o commandante das forças, ajudante e medico, este ultimo para que podesse prestar soccorros clinicos desde que houvesse necessidade d'elles.

Proximo de Coasune o inimigo começou fazendo fogo vivo que immediatamente foi correspondido pelos nossos. Hostilisados pela artilharia os indiginas começaram demonstrando a sua indecisão abrandando consideravelmente o ataque.

Fundeou então o pangaio que continuou fazendo fogo com a artilharia que levava, indo o commandante da força no escaler a vapor a bater toda a margem, approximando-se de tal maneira de terra que chegou a fazer com efficacia tiros de lanternetas.

Evidenciou-se então a desmoralisação completa do inimigo pelos fogos cruzados do escaler a vapor e pangaio, correndo desnorteados de um para o outro lado, chegando em muitas occasiões a approximarem-se da praia.

Foi então ordenado o fogo de metralhadoras e de fuzilaria, cessando o fogo do inimigo sem que os nossos soffressem uma unica perda ou sequer o mais ligeiro ferimento.

Tomaram-se então as dunas de assalto, fazendo-se o desembarque da força da 6.ª Companhia de guerra para o serviço de exploração, dividindo-se em tres fracções:

Uma descobrindo caminho para as dunas e as outras duas perseguindo o inimigo para norte e sul, fasendo-se logo a seguir o desembarque da bateria de marinha e infanteria 9 que dentro em pouco occupava aquella posição n'uma marcha accelerada brilhantissima.

Pelas 5 horas da tarde, içava-se a bandeira portugueza ao toque da marcha de continencia executadada pelos cornetas em notas brilhantes de enthusiasmo que se repercutiam no espirito de todos com intima satisfação do seu dever cumprido.

Pouco depois descançavam as tropas emquanto se confeccionava o rancho, passando-se a noite sem nenhum outro incidente a não ser a interrupção dos signaes de alarme dado pelas vedetas.

Nas dunas foram encontrados uma arma Sneider carregada, e muitas outras com evidentes vestigios de lhes haverem sido arrancadas as culatras, algumas coronhas de espingardas de carregar pela bocca e muitas facas de matto.

A ausencia absoiuta de auxiliares que conhecessem bem o terreno e portanto os caminhos por onde se poderia dar a fuga do inimigo, impediram uma perseguição em forma, não sendo por esse motivo possivel ás nossas forças o fazerem prisioneiros.

No dia 22 foi ordenado o bombardeamento de Nabure e local proximo, onde os guias diziam dever estar os pangaios dos majojos, fazendo-se primeiro uso de granadas ordinarias e mais tarde de balas, sendo o guarda marinha Franco quem em pessoa fez as pontarias que corresponderam ao fim que se tinha em vista.

Devido ao bem dirigido fogo nenhuma resistencia encontravam os nsssos em Nabure, pois que ao segundo tiro feito das dunas respondeu o inimigo com uma descarga de infanteria de uma distancia de mais de 3 kilometros.

Feito em seguida pelo commandante da força o reconhecimento da povoação de Nabure, foram empregados diversos tiros de granada que produziram o incendio de varias palhotas.

Perto das 6 horas da tarde Nabure era invadida pelo 2.º pelotão de marinha, uma secção de infanteria 9 e as forças da 6.ª companhia de guerra e do batalhão disciplinar. Momentos depois toda a povoação era pasto do incendio, apprehendidos os papeis encontrados, feita prisioneira uma creança de 14 a 16 annos que o inimigo deixara abandonada, arrasadas as machambas e tomados os mastros e vergas dos pangaios.

Pelas 7 horas retiraram as nossas forças de Nabure chegando ao acampamento por entre vivas á Patria, a El-Rei, á armada e ao Exercito levantodos n'um grito unisono pelas tropas, n'aquelle momento conscias de não terem deshonrado a corporação a que se orgulham de pertencer.

Em Coasune morreram 2 mojojos, ficando outros 2 gravemente feridos, tendo sido libertados em Nabure cerca de 200 escravos durante aquelle combate em que muitos pretos auxiliaram o inimigo julgando ser essa gente de Villela Muno.

A traducção dos papeis apprehendidos em Nabure feita pelo interprete e depois ractificada em Moçambique deu as provas evidentes de que n'aquella região se exercia a escravatura.

Novas forças mandadas a Nabure completaram a destruição começada na vespera, fazendo incendiar os mastros e vergas dos pangaios mojojos por não ser possivel o seu transporte.

No dia 24 de fevereiro seguiam as forças para a foz do Nabure, desembarcando na margem esquerda do rio Retelle para effectuarem a marcha até Lyconga e Tomêa, povoações dos regulos M'rabué-Muno e Villela-Muno.

Eram 9 horas da manhã quando a columna se poz em marcha.

Uma mulher, feita prisioneira pelas forças, declarou que os indigenas estavam abandonando as povoações e que tanto em Lyconga como em Tomêa ninguem seria encontrado.

Sabendo o commandante da força que o regulo M'rabué-Muno fôra sempre amigo do governo da provincia, ao qual ainda ha pouco tempo tinha offerecido a sua gente para bater os mojojos, foi a referida mulher encarregada de levar uma carta áquelle regulo, na qual se lhe pedia que viesse fallar com os nossos e não fugisse, porque tanto a sua povoação como a sua gente seriam respeitados.

A columna avançou ainda até uma povoação já em terras de Lyconga, na qual sendo feita uma exploração cuidadosa nada se encontrou de extranho. Encoberta porém pelo capim e a pouca distancia descobriu-se uma outra onde estava um grupo de indigenas que logo foram feitos prisioneiros, protestando todos as suas intenções pacificas e dizendo conhecer os pormenores do combate de Coasune e das perdas soffridas pelos mojojos e affirmando que tinha sido o regulo Naurria-Muno quem havia fornecido gente aos mojojos e não Villela-Muno.

Pouco depois a columna em marcha forçada seguia para Lyconga e ahi surprehendeu o regulo M'rabué-Muno que, protestando a sua obediencia, amizade e lealdade ao governo da provincia, declarou haver chegado de Tomêa onde tinha censurado o regulo Villela-Muno por haver consentido que nas suas terras os mojojos fizessem guerra aos brancos mostrando-lhe como consequencia de um tal procedimento Nabure completamente destruida, tendo-lhe respondido Villela-Muno que não tinha fornecido gente aos majojos, porém se tinha consentido que elles hostilisassem os brancos nos seus dominios havia sido receioso dos mojojos, que lhe haviam affirmado que nunca os brancos entrariam no Nabure.

Intimado Villela-Muno pelo commandante da força a que viesse fallar-lhe a Lycongo, chegou alli effectivamente no dia 26 o referido regulo um pouco antes de nascer o sol, antecedido dos seus emissarios, conduzindo uma bandeira branca.

Então o commandante das nossas forças fez-lhe sentir energicamente que o seu procedimento merecia rigorosas penalidades.

Villela Muno, respondeu que sempre fôra amigo dos portuguezes e que nenhuma gente tinha fornecido para auxilio dos mojojos em Coasune, confirmando no restante tudo mais que disséra M'rabue-Muno.

Seguros dos protestos de obediencia do regulo Villela-Muno e tornando o responsavel por qualquer aggressão de que os portuguezes fossem victimas, retiraram os nossos para Lipôto, onde desembarcaram parte das forças. seguindo os restantes com o commandante a destruir os pangaios mojojos, cujo local lhe havia sido indicado pelo regulo Villela. O que se effectuou a machado e a tiros de granada.

GRUPO DE OFFICIAES QUE ENTRARAM NAS ACÇÕES CONTRA OS MAJOJOS NEGREIROS DE SIMUCO E NO APRISIONAMENTO DE NAMPUITA MUNO

As perdas soffridas pelo inimigo em Coasune, segundo ainda informações do mesmo regulo, foram muito importantes.

A's 6 horas da manhã do dia 27 de fevereiro levantou-se o bivaque, seguindo as forças para bordo e dando-se assim por terminadas estas operações no Nabure, que constituiram a primeira parte do plano levado á pratica pela divisão naval do Indico, afim de pôr cobro ao commercio de escravatura que se fazia nas regiões do Nabure e em Simuco.

Completando, pois, as informações referentes a Nabure, resta-nos mencionar que o comportamento das forças foi exemplar. Não havendo um unico official ou praça que não fosse merecedor de elogio pela serenidade nunca desmentida, intrepidez, attenção ás ordens e desejo de bem as cumprir. E' dever mencionar aquelles que se distinguiram pelas circumstancias excepcionaes em que se encontraram no decorrer das operações.

São estes os seus nomes:

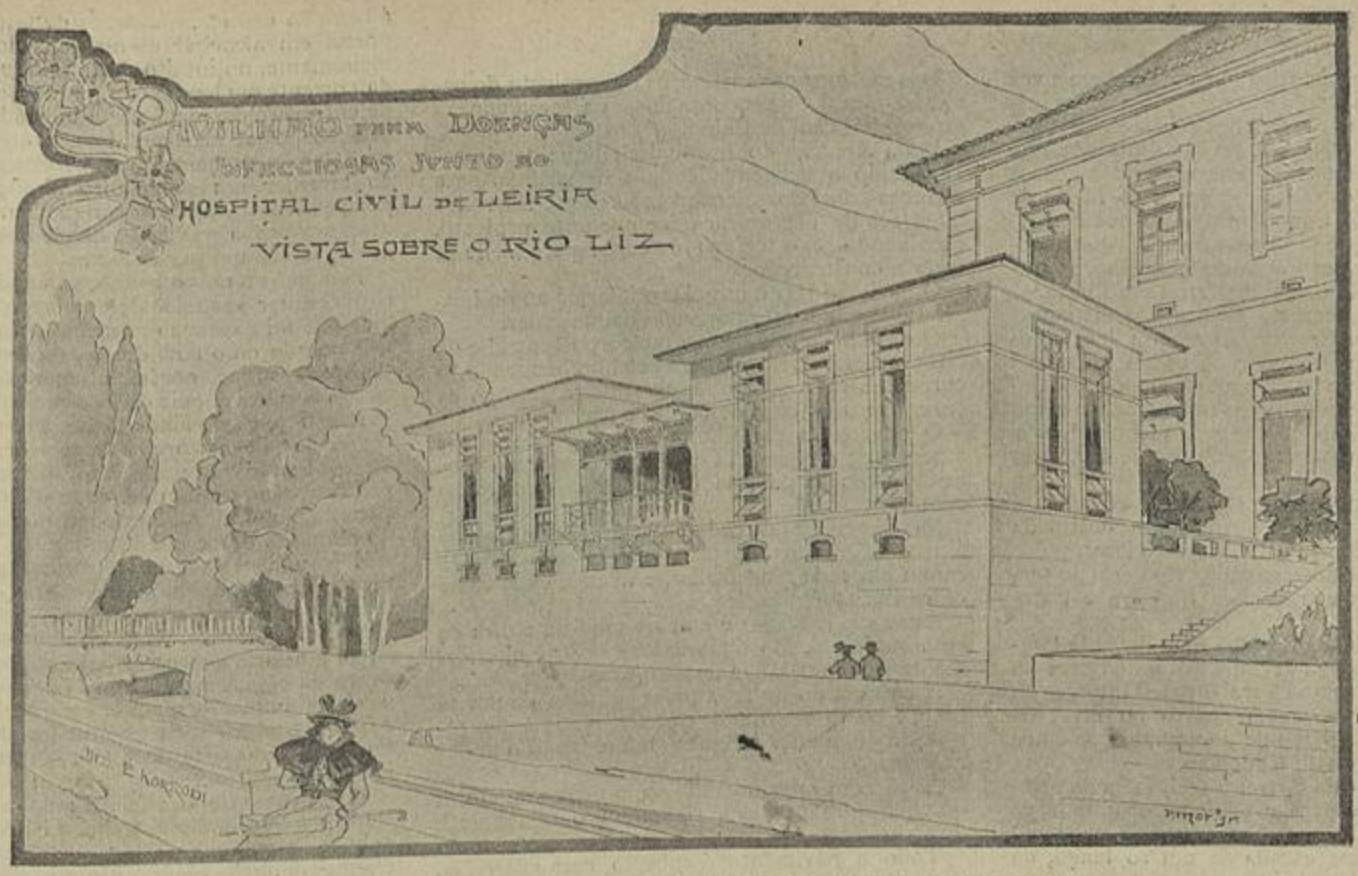
Guardas-marinhas Jorge Xavier Cordeiro e Oscar Manuel de Carvalho; Adelino José de Andrade, 2.º artilheiro n.º 1:735 da 1.ª brigada do corpo de marinheiros da armada; Adolpho Julio, 2.º grumete n.º 1:706, da 3.ª brigada; 2.º tenente Alberto Carlos dos Santos; guarda-marinha Augusto Gonçalves de Azevedo Franco; medico naval, Jayme dos Santos Faria; aspirante de 2.ª classe a machinista naval, Antonio Joaquim Ferreira; Alfredo Malvar, 2.º contra-mestre n.º 288 da 3.ª brigada do corpo de marinheiros da armada; Antonio Pedro Fernandes, 2.º sargento da companhia de guerra n.º 26 e José dos Santos, 2.º artilheiro n.º 2:399 da 1.ª brigada do corpo de marinheiros da armada.

Quanto á intrepidez, serenidade, boa direcção do commandante da columna de desembarque, sr. João Bello, 2.º tenente da armada real portugueza, o que deixamos exposto sobre as referidas operações no Nabure testemunham-no eloquentemente sem que necessario seja fazer-se-lhe outras referencias especiaes.

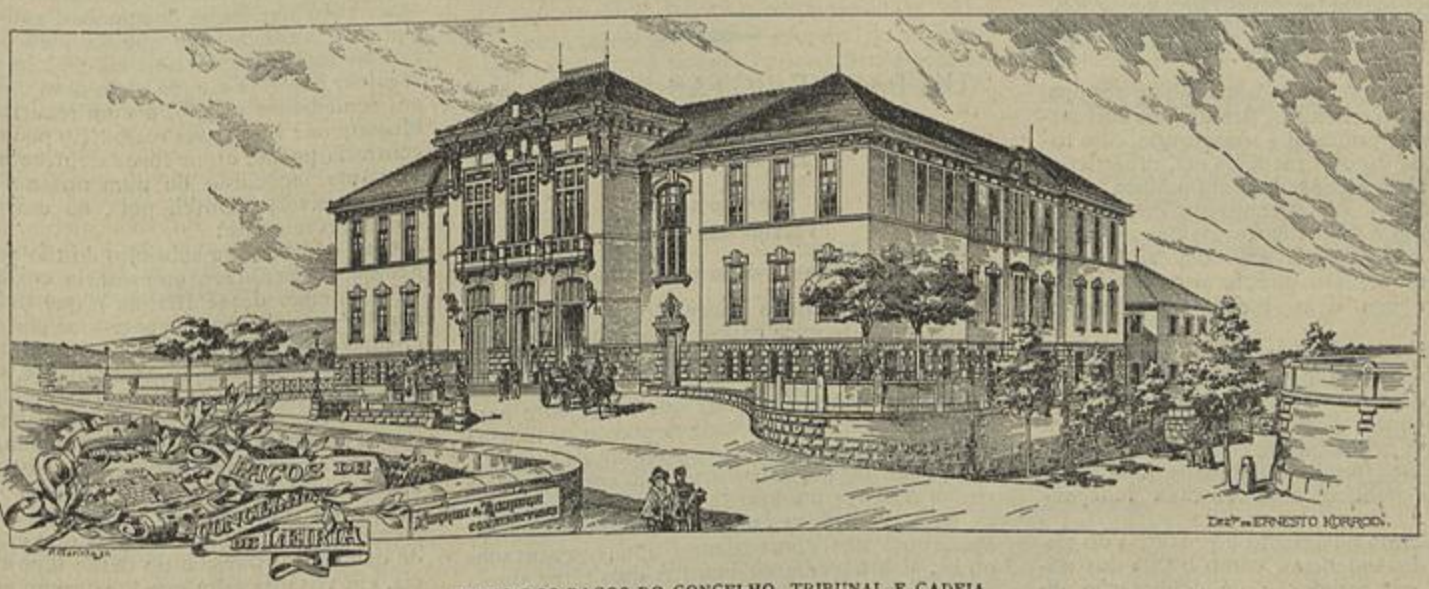
NAMPUITA MUNO, PRISIONEIRO

GRUPO DE ESCRAVOS LIBERTADOS EM SIMUCO

A EXPEDIÇÃO MILITAR CONTRA A ESCRAVATURA EM NABURE



PAVILHÃO PARA DOENÇAS CONTAGIOSAS, NA CERCA ANNEXA AO HOSPITAL CIVIL



EDIFIO DOS PAÇOS DO CONCELHO, TRIBUNAL E CADEIA

ESCOLA INDUSTRIAL

NOVAS EDIFICAÇÕES EM LEIRIA

Novas edificações em Leiria

A' velha cidade historica chegou tambem a vez de ter um edificio amplo e apropriado a poder installar n'elle as suas repartições officiaes.

A *Construcção Moderna*, revista illustrada, que se publica em Lisboa, sob a direcção dos nossos amigos e distinctos technicos srs. J. M. Mello de Mattos e Rosendo Carvalheira, dava-nos ha mezes a noticia de qne ia já em adiantada construcção o edificio para os Paços do Concelho, Tribunal Judicial, cadeia e aula districtal em Leiria.

O projecto do edificio é obra dos distinctos constructores srs. Ernesto Korrodi e José Theriaga. O primeiro professor da escola industrial Domingos de Sequeira, d'aquella cidade, e o segundo capitão de engenharia; obedecendo a um plano de distribuição em que dependencia alguma falta para as quatro installações a que o edificio se destina.

A superficie occupada pela parte edificada é de 2.438,^{m2} sendo quasi outra tanta destinada para jardins, pateos exteriores e interiores.

A sua posição é determinada pelo perfil do terreno e relativa ás estradas da Barreira e Batalha.

Sobre a estrada da Batalha dá a fachada lateral do edificio em tres pavimentos, tendo accesso por uma ligeira rampa para o pateo interior do edificio, entrando-se mais abaixo ao nivel da mesma estrada no pateo de communicação entre a cadeia e os Paços do Concelho.

Sobre a estrada da Barreira dá a fachada principal, entrando-se para o edificio por uma larga escada exterior de quatro degraus no vestibulo principal, onde uma escada de um só lanço, dá accesso ao primeiro pavimento.

No rez do chão, sobre a estrada da Batalha é collocada a repartição de fazenda, administração do concelho, recebedoria e commissariado de policia. Junto d'este, acham se installadas as prisões preventivas, caserna de policia e dependencias.

Na ala sul do edificio fica installada a escola industrial; na ala norte as officinas da mesma escola ligadas a esta por meio de uma galeria coberta.

O primeiro pavimento é destinado ao tribunal judicial e suas dependencias, ficando nos dois torrões da fachada principal a thesouraria, casa fiscal, aferição de pesos e medidas etc, repartições camararias mais frequentadas pelo publico.

Dois corredores symetricamente dispostos e onde estão collocados os cartorios dos escrivães e contador, conduzem á sala das audiencias, dando tambem accesso directo para o tribunal e suas repartições duas escadas independentes.

A sala das grandes audiencias foi disposta por forma a permittir o completo isolamento do publico, de todas as pessoas que entram na constituição do tribunal. Alem d'esta sala, ha outra para audiencias ordinarias, inventarios ou outros serviços judiciaes, tendo egualmente uma parte reservada ao publico com entrada independente.

Estão no mesmo pavimento e proximas do tribunal outras dependencias, como a sala dos advogados, dos empregados e de deliberação do jury.

No 2.º pavimento fica a sala das sessões da camara.

A ala direita d'este pavimento é destinada a todas as restantes repartições camararias, secretarias, archivo, repartições technica e de saude, gabinetes do presidente e secretario etc.

A ala esquerda é occupada pela repartição de fazenda e conservatoria.

A cadeia, para uma media de oitenta prezos, tem entrada independente da dos Paços do Concelho.

As enxovias ou prisões inferiores estão dispostas no pavimento terreo, onde ha sentinas lavatorios, urinoes, casas de banho e uma officina para as mulheres.

No 1.º pavimento da cadeia ha uma escola e bibliotheca, habitação do carcereiro, officina para homens, capella, casa da guarda, de visitas, lavatorios etc.

No 2.º pavimento ha duas enfermarias, cellas isoladas para prezos politicos ou de pouca importancia, cosinha, casa de banho, pharmacia, gabinete do medico, arrecadações, administração, côro, onde as prezas vão ouvir missa isoladamente dos outros presos etc.

E' opinião dos entendidos que este edificio, depois de concluido, deve ficar um dos primeiros do paiz, não deixando a sua construcção nada a desejar em vista da muita competencia dos technicos que d'ella se encarregaram.

* * *

Dos mesmos constructores é o projecto do pavilhão para doenças contagiosas na cerca annexa ao hospital civil de Leiria.

Foi a direcção do hospital civil que tendo reconhecido a necessidade de um pavilhão para doenças contagiosas encarregou os srs. Karrodi e Theriaga de elaborarar o competente projecto, escolhendo-se o terraço da cerca para n'elle se fazer a construcção.

O pavilhão fica n'um plano inferior ao do hospital e ligado a este por meio d'uma galeria.

O edificio compõe-se de um corpo central e de duas enfermarias lateraes, comprehendendo o corpo central o quarto da enfermeira, terraço da cura, rouparia, casa de banho e accessorios.

O quarto da enfermeira é disposto de forma a permittir a vigilancia de ambas as enfermarias, assim como da galleria destinada aos convalescentes.

Nas dimensões de cada enfermaria attendeu-se á distribuição dos doentes, sendo apenas oito as camas em cada uma d'ellas, e ficando cada cama entre duas janellas.

Estas são rasgadas e amplas tendo a altura da enfermaria e sendo limitadas superior e inferiormente por duplas bandeiras moveis.

A entrada do ar feita pelas janellas, de um só lado, é de 10 metros por minuto, sendo assim renovado em menos de cinco minutos todo o ar das enfermarias.

As paredes interiores até meio metro de altura do chão são pintadas a *rippollet* e o restaurante a cal branca.

Todo o pavimento é coberto com *ruberoide*, podendo assim a desinfecção das enfermarias fazer-se d'um modo muito simples e pratico.

Como se vê é este tambem um melhoramento importante com que o hospital civil de Leiria vae ser dotado e folgamos de o ver posto em pratica pela sua illustrada direcção.

UM PAR DE BOTAS DE BARCA

POR

Ludwig Nötel

Volvido um anno

(Continuado do numero 925)

Passado a primeira impressão de espanto que me causou a mimica extraordinaria do individuo, caí em mim, e lembrei-me dos nossos fatos de theatro.

Effectivamente éra mais que sufficiente para assustar a um simplice vigia-nocturno de aldeia! e a este muito mais que, já com um pé na cova, no espaço de um minuto via, tal como eu, pela vez primeira a um lunático e, com toda a certeza, pela primeira vez na sua vida a dois espantalhos, qual nos apresentámos a seus assustados olhos, á luz palida de luar! A dois sêres, que a julgar pelo aspecto exterior, haveriam, manifestamente, jazido um par de seculos na campa, e que agora, evocados por um poder superior, surgiam, á superficie da terra, sem duvida durante o prázo de tempo que duraria a hora privativa dos espectros. Em todo o caso não era justo arguir o bom do vigia por ter arremessado para longe a sua arma, correndo a sete pés, mórto por se ver ao abrigo protector das paredes do proprio domicilio, fugindo assim ás pavorosas visões daquella noite.

E d'ahí, era possivel que tivesse deitado a correr resolvido a sollicitar o auxilio de algum colléga, e que este, no fim de contas, menos assustadiço que o vélho fugidío, intimasse os fantasmas a fazer alto, e com uma bôa carga de chumbo, mandada pelo moderno arcabuz, pusésse á prova a invulnerabilidade dos espiritos, e nessa hypothese, dei a voz de: a «galope»! e investimos desde logo em corrida desatinada, eu, bahú e alfaiate, estabelecendo uma boa distancia entre nossas pessoas e a aldeia, sem me preoccupar se acaso a noctivaga haveria partido a cabeça, ou recolhido incolume a vál-de-lenções, e quando nos julgámos sufficientemente afastados da povoação para nos não arrecearmos de ser perseguidos, fizémos alto concedendo ao corpo algum descanço.

Observei, então, ao alfaiate que seria conveniente despirmos aqui os nossos trajos medievaes, para nos não tornarmos a incontrar em tão perigosa situação. Encobertos com umas moitas, á beira da estrada, mudámos de fáto e démo-nos pressa em alcançar as margens do Rhêno, primeiramente, no intuito de tomarmos na frescura da corrente um banho restaurador, e depois, afim de entregarmos, mediante a indicada quantia, na estação postal mais proxima, o espolio de theatro. Com o dinheiro que recebêssemos planeava eu arranjar um succulento almoço, noticia e perspectiva que ao meu companheiro de jornada asseguravam a possibilidade de poder alimentar a vida ainda um par de horas.

Tomámos o nosso banho, expungindo do rosto a quaesquer vestigios de caracterização, e, atingida que foi a estação postal, e entregue o fardo, sollicitando eu o embolso da contemplada quantia, declarou-me, porém, o empregado, que só o viria a receber depois da encommenda chegar ao seu destino, e que ainda assim, o destinatario podia dispor de um prazo de sete dias; e tive que me contentar com um recibo, que mais tarde deveria apresentar, afim de, dado o caso de se desencaminhar o fardo, eu poder, ou ser embolsado do dinheiro, ou recebê-lo *in-natura*

E para ali estava eu de recibo na mão, mas a respeito de dinheiro, nem sombras, e a troco do recibo não haveria alma christã que me desse de almoçar. O alfaiate, triste e amofinado, assim que ouviu a noticia estirou-se para ali, no chão, a um canto da cása, e nunca abriu bico acenando apenas com a mão, de quando em quando, o que podería ter traduzir-se da seguinte forma: Adeus para sempre! lembra-te de mim!—Atormentava-me anciedade mortal!

Effectivamente o alfaiate afigurava-se-me resolvido a succumbir á fóme, e isto em logar tão publico, e nas barbas daquelle monstro sem entranhas daquelle empregado postal!

Debalde relanceei a vista por todo o recinto, incontrando porém invariavelmento o olhar do referido funccionario, pois que além deste mais ninguem se achava presente. Abeirou-se finalmente de nós e indagou, que era que tinha o môço para estar, assim, estatelado no cháo? Sem saber para que havia de appellar, vaii-me de um embuste, verdade seja que foi para bem do pobre do rapaz; como podia eu dar um passo, carregando por esse mundo além com uma creatura em semelhante estado, e com recursos tão problematicos? Não havia meio! Eu proprio me encontraria peádo, e por força de necessidade, até, urgia-me saccudi-lo de mim nos melhores termos possiveis. Contei, pois, ao empregado do correio o seguinte:

Que o môço era sobrinho do tão respeitado e bemquisto Schlitzer, empresario em Alzey, que viéra comigo desde Berlim, e que tinhamos que apartar caminho na presente localidade, pois me chamavam a Mannheim negocios da minha vida, e o tempo ia apertando, entanto elle, achando-se apenas a distancia de meia duzia de légoas da cidade de Alzey, queria voltar para a companhia do tio. Que, com as delongas da jornada, se nos tinha acabado o dinheiro, e para supprir nossos apuros contavamos com a remessa da encommenda ao tio e com a cobrança da quantia respectiva na Estação postal, pois que era cáso fóra de duvida, satisfazer o tio desde logo a importancia, em vista da falta que lhe faziam aquelles artigos da sua guarda-roupa theatral; havia-os deixado em Berlim e recommendara muito ao sobrinho que lh'os trouxésse. E que presentemente me incontrava em transes de indisivel perpléxidade, via o môço arriscado a cada instante a succumbir—me nos braços, victimado pela fome! E o unico meio possivel de lhe valer era: mandá-lo quanto antes para a companhia do tio, e que eu estava a contar com o adiantamento da quantia para esse fim.

O empregado do correio, o qual durante a minha exposição de factos, volvêra amiudadas vezes olhar de commiseração sobre o misero rapaz inconsciente, semi-morto de fome, e que de cançado adormecera, — como resposta unica tirou-me da mão o recibo, sentou se ao seu bufete, e encheu-me um passe de transito pela pósta, válido até Alzey, entregou-me as sobras do valor do mesmo, equivalentes a um pouco menos de três thalers, e exigiu-me recibo da quantia total.

A mala posta partia dentro de meia hora, ajudado por um servente da Estação, fui meter o meu aprendiz de alfaiate na carruagem, accommodando-o o melhor que pude, e alcancei de corrida a estalagem mais proxima, afim de lhe arranjar almoço e uma garrafa de vinho, levei-lhe tudo para a carruagem, á qual haviam já atrelado as parelhas, e como n'este comenos houvesse acordado, apresentei o almoço e o vinho ao encantado e estupefacto moço e fui-lhe dizendo: que o passeio de carruagem lhe restabeleceria certamente as forças, facultando-lhe d'ali em

diante aguentar melhor as muitas canceiras que em minha companhia o aguardavam ainda. Apertou me a mão, commovido, e assim que acabou de despachar o seu merendeiro e o competente vinho, aconchegou-se no fundo da carruagem e, d'ali a nada, estava outra vez a dormir. Meti-lhe um dinheirito no bolso do colete, fechei o postigo da carruagem e preveni o conductor, a quem entreguei o passe, de que o moço tinha que se apear em Alzey.

Poz-se a caminho a mala posta e a mim incumbia-me ainda o dever de enviar participação ao director Schlitzer, de que o seu foragido aprendiz de alfaiate, atenazado pelos remo sos de consciencia, pela saudade quer do passadio quer da filha do seu director, se achava já a caminho de casa, devendo ali chegar com o proximo correio, e que era portador, no seu proprio bahú, dos artigos de guarda roupa, pertencentes ao mesmo director; podendo este, portanto, ir tomar conta do seu futuro genro á Estação postal.

Não havia Estação telegrafica na terrióla, a mais proxima era na estação do caminho de ferro, que distava d'ali meia legua, na direcção das margens do Rheno.

Quando ali cheguei, expedi o telegramma, abreviad quanto possivel a redacção, e não me resta a minima duvida, de que a familia do director Schlitzer accudiria em pezo a receber o malfadado aprendiz, e que este, em resultado do recibo, postal, que o director, para ser reintegrado na posse dos seus artigos de guarda roupa, tinha que resgatar a dinheiro, se veria no porvir submetido a uma dieta muito mais rigorosa ainda. Oxalá lh'o venha a compensar o amor!...

E desde então, nunca mais tive noticias suas.

Alcancei Mannheim e em seguida, Stuttgard, donde vim calcurriando *pédibus calcantes* até Munich, chegando a esta capital ahi pelos fins de setembro, tendo-se-me acabado de todo o dinheiro. Encontrei, porém, em Munich, no Theatro Real, a um conhecimento de out'rora, que me facultou alguns meios, recommendando-me como companheiro de viagem a um organista, que ia empreender uma prolongada excursão, propondo-se a dar concertos pela França, Belgica e Allemanha. Aceitei o contracto na qualidade de secretario, e havendo percorrido em companhia do meu actual patrão parte da França e da Alemanha, aqui chegámos hontem a esta cidade de Brandenburgo, devendo effectuar-se um grande concerto de orgão, amanhã, na egreja da Cruz. Mas já estou farto desta vida, e espero m'o não levará a mal o collega, se eu lhe disser que o meu maestro se não limita a utilizar os meus serviços como secretario e fiscal da receita, senão ainda, desde que sahimos de Munich, e por motivos economicos, resolveu aproveitar o auxilio dos meus agilissimos pés, como elle diz — immensamente adequados á funcção de dár aos fóles! Hade concordar em que, para quem como eu tanto brilhou no Karl Moor e no Tenente-Rei, lhe repugne semelhante mester, e assim que se me facultar ensejo, voltará a saudar-me a Arte como filho predilecto! E adeus, por hoje! Mover-lhe-á surprêza o eu me apartar assim do collega, sem haver appellado para a sua nimia bondade; mas bem vê que, comquanto eu tenha descido ás infimas funcções de dar aos fóles, comtudo, pertenço ainda a essa classe de homens os quaes, sempre que a isso se possam esquivar, deixam de appellar para a commiseração dos seus semelhantes, a não ser que a tanto os obrigue a dura necessidade. Mas não se desconsóle, oiço uma vez segredar-me no intimo que ainda nos tornaremos a vêr, e supposto eu hoje não tenha alludido aquellas—e hade permitir que lh'o diga—tão barátas e tão primorosas botas á Cromwell, atraz de tempos—tempos vem, não faltarão occasiões de lh'o lembrar, e portanto, mais uma vez! Haja saude!

(*Continúa*) *M. Macedo*

Visconde de Castello Borges

A chronica do ultimo numero referiu-se ao horrivel attentado de que foi victima o sr. Visconde de Castello Borges, e as folhas diarias largamente se tem occupado d'este triste acontecimento.

O sr. visconde de Castello Borges Felix Manoel Borges Pinto de Carvalho e Affonseca era hoje o representante de uma das familias mais nobres de Portugal, dos morgados de Barroco e Cordeiro, e senhores dos castellos de Borges e de Folgosa, no Douro.

VISCONDE DE CASTELLO BORGES

Nos seus antepassados conta o nome illustre de Felix Manoel Borges Pinto de Carvalho e Affonseca, gentilhomem da casa real, coronel do estado-maior de lord Willington e que fez todas as campanhas contra o exercito francez, em Portugal.

Casou Felix de Affonseca com D. Rita Ricardina Pereira Pinto Cardoso da Silveira de que houve alguns filhos, succedendo-lhe o mais velho José Borges Pinto Carvalho de Affonseca no senhorio dos morgados, e ao qual foi conferido o titulo de Visconde de Castello Borges em 1852. Foi, portanto, o primeiro Visconde d'este titulo, a que succedeu o actual, barbaramente assassinado por dois trabalhadores da sua quinta em Armamar, onde estava.

TORESKY

Devido ao estimado e intelligente emprezario Affonso Taveira tem tido o publico de Lisboa ensejo de admirar o notavel artista catalão Toresky, que se apresenta modestamente como discipulo do celebre Frégoli, mas que afinal é actor transformista, tão distincto como o mestre e um *diseur* primoroso e cheio de graça.

TORESKY

Toresky, que veio contractado apenas por tres espectaculos foi logo reconduzido em virtude do exito que alcançou, achando-se ainda ao presente fazendo as delicias dos frequentadores do theatro da Trindade.

Falla correctamente varias linguas, mudando de voz com uma facilidade enorme, é um ventriloquo de primeira ordem e as suas imitações das differentes especies de oradores e dos maestros celebres são interessantissimas. Finalmente o seu trabalho ha de sempre colhêr applausos em todos os paizes onde se apresente.

MANUTENÇÃO MILITAR

Um incendio occorrido em a noite de 24 do corrente destruiu a melhor parte dos grandes armazens ou depositos de forragens da Manutenção Militar, sendo o prejuizo calculado em cerca de 30:000$000 de réis.

Felizmente o incendio limitou-se aos armazens, respeitando o resto das edificações, que são importantissimas e de moderna construcção.

Na rua Direita do Grillo, ao Beato, n'um vasto terreno, defrontando pelo Norte com a linha ferrea da Companhia Real e ao Sul com o Tejo, e em frente da Manutenção militar antigo convento das Grillas foi construido ultimamente o novo quartel para a companhia de subsistencias, bem como as novas officinas.

A construcção d'este grande estabelecimento militar, que faz honra ao nosso exercito, está dividido em dois grupos, ficando a um lado o novo quartel para a habitação de todo o pessoal que trabalha nas differentes fabricas da Manutenção, e do outro os serviços fabris, que estão assim separados e afastados do alojamento do pessoal.

O novo quartel compõe se de um corpo central e quatro dependencias com 3 pavimentos amplos e arejados, onde estão installadas a sala do conselho e secretaria, casernas, refeitorios, quartos de sargentos e officiaes, etc.

A' direita n'um pavilhão acastellado está installada a casa da guarda, quarto do commandante e prisões.

Ao fundo da parada estão installadas as cozinhas dos sargentos, casa de banhos, quarto do official do rancho e arrecadação de generos etc.

Sobre a porta de entrada para as varias dependencias vê-se a seguinte inscripção:

No reinado de D. Carlos I
sendo ministro da guerra o general
Luiz Augusto Pimentel Pinto,
foi construido este quartel
para a companhia de subsistencias
1903—1904

O que sobretudo chama a attenção de quem visita este estabelecimento são os fornos de campanha de dois typos, volantes; montados sobre carros de 4 rodas, e desmontaveis, assentes no chão, cobertos de terra, com uma excavação á frente onde trabalha o forneiro.

E' na chamada barraca-padaria que está assente o amassador mechanico e o motor a gozolina, para o fazer trabalhar, tendo atraz um carro de quatro rodas onde se fazem os fermentos e estão os apetrechos indispensaveis ao fabríco do pão.

O amassador mechanico fabríca a massa que se mette nos fornos, e o pão, logo depois de cozido, passa para umas estantes moveis, que estão na barraca de distribuição e ahi, depois de encanastrado, sae nos carros para os seus destinos

Os fornos são 6 e podem cozer 5000 a 6000 rações por dia, tendo o amassador mechanico capacidade para amassar farinha para mais do dobro.

Para a parte fabril da Manutenção entra-se pelo antigo convento das Grillas, cuja fachada foi inteiramente alterada e onde esteve installado o pessoal antes de passar para o novo quartel.

Este convento fundado em 1660 pela rainha D. Luiza Francisca de Gusmão, mulher de D. João IV e mãe de D. Affonso VI e de D. Pedro II, foi o retiro escolhido pela fundadora em 1662, quando seu filho attingiu a maioridade, e ahi falleceu em 1666.

E' do convento que se sae para o terrapleno á beira Tejo onde estão estabelecidas as officinas, fabricas, depositos, armazens, edificio de moagem, fabrica de massa e panificação etc.

Vê-se ali tambem a casa da machina-motriz, systhema Suker, da força de 350 cavallos, e que põe em movimento as machinas das diversas officinas.

NOVO QUARTEL DA COMPANHIA DE SUBSISTENCIAS DA MANUTENÇÃO MILITAR

Os machinismos comportam os ultimos aperfeiçoamentos, demonstrando o alto criterio, illustração e competencia que presidiu á sua escolha.

Um facto recente veio comprovar o que fica dito, e é, que a Manutenção Militar está habilitada a fornecer farinhas e pão em quantidade sufficiente para opôr a qualquer parede que moageiros ou fabricantes de pão tentassem, como ultimamente ia acontecendo.

O governo assim o declarou.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Revista de Manica e Sofala. — Dirigida pelo sr. Pedro José da Cunha, de que é secretario da redacção o nosso amigo Paulo Plantier e director gerente o sr. Fernando da Costa Freitas.

Boletim Salasiano. — *N.º 8 do 3.º anno.* — Relativo a agosto.

Boletim da Real Associação de Architectos Civis e Archeologos Portuguezes. — *N.º 11.*

Boletim da Sociedade de Geographia — *N.os 5 e 6 da 22.ª série.*

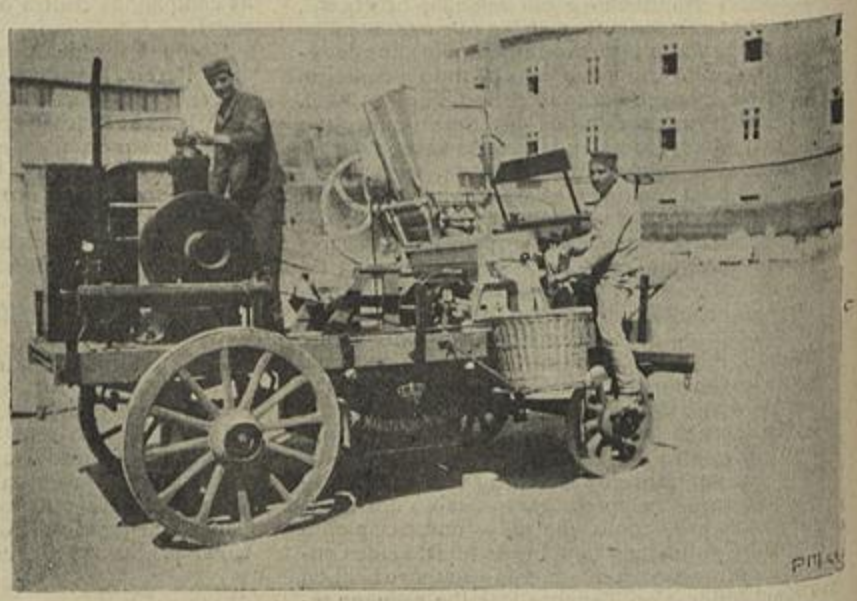
Boletim da Sociedade Litteraria Almeida Garrett — Publicado sob a illustrada direcção do nosso presado collega Alberto Bessa. Publicou-se o n.º 4.

Recebemos mais:

Semana Illustrada, *Illustração Portugueza*, *Brazil Portugal*, *Tiro e Sport*, *Instituto de Coimbra*, *Gazeta dos Lavradores* n.º 1 do 1.º anno; *Arte Musical*, *Aventureiro*, jornal de critica theatral, 1.º e 2.º numeros; *Portugal Agricola*, defensor dos interesses agricolas; *Progresso Catholico*; *Gazeta dos Caminhos de Ferro*. *El Commercio*, periodico independente de Nueva York; *British Colonial*, publicada em Londres; *Treen*, publicado em Londag; *A Tradicção*, *O Indio*, *A Chronica*, dirigida pelo nosso amigo Albino Forjaz de Sampayo; *A Voz de Santo Antonio*, n.º 15; *Revista Agronomica*, *Revista Amarella*, *Sociedade Futura*, *Les annales diplomatiques et consulaires*.

Uma excursão a Santarem, *por João Arruda*, *Lisboa*, *1904*.

A Academia de Estudos Livres incluiu nos seus *Annaes* mais um trabalho de valor. Em edição especial fez uma separata do livro *Através de Santarem* de João Arruda, illustrando-a profusamente e precedendo-a de um succinto prologo, muito illucidativo ácerca das intenções da Academia, que toma as excursões como um dos mais bellos processos da educação popular.



UM AMASSADOR MECHANICO

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.
Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS { Senhoras — ás 10 horas da manhã
Homens — ás 3 » da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras

R. do Alecrim, 111, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA

PARIS EM LISBOA
CHIADO 77

É a casa de MODAS que melhor sortido apresenta em artigos bons elegantes e de luxo
PREÇOS RECOMMENDAVEIS E FIXOS

Patisserie C. Benard

104, Rua Garrett, 106

LISBONNE

Almanach illustrado do «Occidente»

PARA 1905

Está no prelo e em breve sae a publico este annuario illustrado profusamente e com uma linda capa em chromo: Uma mulher do Minho.

Preço 200 réis

Recebem-se encommendas e annuncios.

Empresa do OCCIDENTE — Lisboa